

Cora Coralina – Confissões partidas

Quisera eu ser dona, mandante da verdade inteira e nua,
que nua, consta a sabedoria popular, está ela no fundo de um
poço fundo,
e sua irmã mentira foi a que ficou em cima beradiando.

Quem dera a mim esse poder, desfaçatez, coragem de dizer
verdades...

Quem as tem? Só o louco varrido que perdeu o controle das
conveniências.

Conveniências... palavras assim de convênio, de todos
combinados,

força poderosa, recriando a coragem, encabrestando a vontade.

Conveniência... irmã gêmea do preconceito, encangados os dois,
puxando a carroça pesada das meias-verdades.

Confissões pela metade...

Quem sou eu para as fazer completas?

Reservas profundas, meus reservatórios secretos, complexos,
fechados, ermos, compromissos íntimos e preconceitos vigentes,
arraigados.

Algemas mentais, e tolhida, prisioneira, incapaz de despedaçar
a rede

onde se debate o escamado da verdade...

Qual aquele que em juízo são, destemeroso dos medos
para dizer mais do que as meias dissimuladas, esparsas?

A gente tem medo dos vivos e medo dos mortos.

Medo da gente mesmo.

Nossas covardias retardadas e presentes.

Assim foi, assim será.

Cora Coralina, Vintém de cobre